



FARJALLAT, Célia Siqueira. Antigos prédios escolares. Correio Popular, Campinas, 06 jun. 1997.

Antigos prédios escolares

CÉLIA SIQUEIRA FARJALLAT



Eram belos e majestosos os prédios de antigas escolas, erguidos pelo governo no estado de São Paulo. E tendo ouvido a palestra proferida pelo prof. Sólton Borges dos Reis, em 13 de maio passado, no anfiteatro de uma destas escolas privilegiadas, a EEPSG Carlos Gomes, de Campinas, aos 94 anos de sua fundação, ocorreu-me dizer da importância da arquitetura escolar paulista, merecedora de grande atenção de todos, governo e povo.

O arquiteto João de Araújo Camargo diz que 170 edifícios escolares do estado de São Paulo foram erguidos entre 1890 e 1920. Ele defende a preservação e resgate destes prédios, através de políticas adequadas, e explica que em 1987 foi

criada a Fundação para o Desenvolvimento da Educação, passando este órgão a ser o responsável por esta indispensável e cívica tarefa.

Em 1912 foram implantados os edifícios das Escolas Normais, e já no início do século 20, nada menos que nove destes majestosos prédios haviam sido erguidos, tanto na capital como no interior num ritmo acelerado, que coincidia com a expansão da cultura cafeeira e das vias férreas. Tais edifícios para uso de grupos escolares e de escolas normais eram um marco na paisagem urbana das cidades do interior.

Mais elaborados do que os edifícios apenas para grupos escolares, os prédios das Escolas Normais tinham a mesma planta e estilo. Eram a Escola Normal da Praça (de-

pois Caetano de Campos), a do Brás, e as de Campinas, São Carlos, Casa Branca, Pirassununga, Itapetininga, Piracicaba e Botucatu. A planta ou risco era o mesmo com pequenas alterações. E o material usado o melhor possível, importado. O mármore das escadas era de Carrara, na Itália; a madeira dos assoalhos e forros era trazida de Riga, na Lituânia; os pisos da Alemanha.

Muitos professores eram também importados. Mestres europeus-franceses e italianos uma elite intelectual que vinha ensinar uma outra elite, os filhos da aristocracia do café, e também os outros alunos. A escola pública foi o grande símbolo da República. As figuras mais em evidência na época eram os professores, e os mais brilhantes dentre eles, eram chamados de lentes. "Um lente ganhava igual a um juiz de Direi-

to"; recorda Ivan Toledo.

Os amplos prédios, sempre em lugares bem escolhidos, possuíam requintes como bibliotecas com livros importados, salas de música, de história natural com bichos empalhados e esqueletos; e salas para ginástica sueca, que era o must da época. As janelas amplas deixavam passar a luz do sol, e em torno rasgavam-se jardins bem cuidados com gramados e flores.

Alguns destes prédios, tombados pelo Condephaat, e no caso de Campinas também pelo Condepaac, foram se desfigurando com o correr dos anos, e às vezes, com a interferência desastrosa dos homens. Muros e gradis foram destruídos; belíssimos murais receberam mão de cal "para ficarem limpos"; ornamentos das fachadas retirados. Em conhecida escola um magnífico laboratório de louça inglesa foi quebra-

do a marretadas, e substituído por outro novinho em folha, bem moderno, comprado numa loja popular.

A restauração de um prédio histórico é algo de muito sério, e exige técnica, responsabilidade e conhecimentos especializados. Por isso, a restauração dos murais, que ornava interiormente a entrada principal da EEPSG Carlos Gomes, tem de ser entregue a alguém que entenda da arte e ame a escola. A pessoa mais indicada é a restauradora Thelma Cardarelli e sua amiga Maria, ambas de renome internacional.

E para restaurar os jardins já temos promessa do ex-aluno coronel Fernando D'Amico, responsável pelo programa O Verde Preserva o Verde, que tanto tem feito pelo resgate de jardins públicos em Campinas.

Célia Siqueira Farjallat é cronista do Correio